

Elizabeth

Levo ao seu conhecimento a proposta de realização do I Seminário Interno da FUNARTE:

- 1 . PROPOSTA: Formação de um grupo de estudos, composto basicamente pelo pessoal ligado a atividades fim, para aprofundamento e debate sobre o campo cultural - especificando as áreas prioritárias de atuação da FUNARTE, i.e., música, teatro, artes plásticas e folclore.
- 2 . JUSTIFICATIVA: Esta idéia vem de encontro à necessidade, sentida pela assessoria técnica, de uma maior definição sobre as possibilidades de atuação da FUNARTE. Uma tentativa de delimitação mais clara e aprofundada do campo sobre o qual a FUNARTE pretende influir e, a partir daí, um debate sobre qual seria o posicionamento mais adequado.

Com vistas ao POA-78 - Plano Operativo Anual -, estes estudos seriam apoio


- a) a uma atitude mais ativa da FUNARTE como órgão emissor de projetos,
- b) ao julgamento de propostas a nós encaminhadas e
- c) à explicitação de critérios a serem considerados na avaliação posterior dos projetos financeiros pela FUNARTE.

Sendo assim, solicitamos o seu interesse e colaboração nesse sentido - sugestões bibliográficas, possíveis convidados para palestras, temas que consideraria importante discutir. Estamos recebendo estas contribuições até 6<sup>a</sup> feira, na CODEPLAN, que deverão ser entregues à Lucia.

- 3 . ORGANIZAÇÃO: Na semana que se inicia em 11 de julho, teremos uma 1<sup>a</sup> reunião para se conversar sobre o trabalho a ser iniciado. Haverá textos básicos para reflexão e convidados para palestras e debates. Formar-se-ão subgrupos para estudos parciais e, uma vez por semana, estaremos reunidos em plenário.

Horários e datas ainda não foram fixados. A este respeito, manteremos total flexibilidade para que reuniões sejam marcadas de acordo com as necessidades de andamento dos trabalhos.

Contando com sua colaboração,

F. B. 

2th.

## 1. ANTECEDENTES E OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

Necessidade de uma correta e criteriosa reflexão sobre as reais possibilidades da atuação da FUNARTE, este o ponto de partida do Seminário, segundo a formulação de alguns técnicos em consonância com o Assessor Chefe.

A primeira idéia pugnava pelo convite a personalidades que aqui viessem falar sobre temas ligados às áreas de atuação da FUNARTE. No encaminhamento das discussões constatou-se que se fazia necessário estabelecer uma perspectiva mais ampla da FUNARTE enquanto instituição participante da problemática sócio-cultural brasileira, além da fundamental importância de se tentar estabelecer uma união de interesses mais estreita entre os técnicos do órgão.

Para atingir esses objetivos, foram convidados dois professores que pudessem oferecer não apenas os instrumentos teóricos para uma abordagem sociológica de uma instituição destinada a atuar no campo artístico, mas também que coordenassem um processo de discussão em grupo, trabalhando concretamente com os conhecimentos, vivências e problemas dos técnicos da FUNARTE.

## 2. O SEMINÁRIO EM SI

### a) TEORIA E PRÁTICA

O Seminário teve início com a afirmação de que nenhuma prática pode ser eficaz sem que seja fundamentada e esclarecida pela estrutura teórica correspondente. Esta afirmação torna-se límpida quando se coloca o problema da avaliação: como julgar os resultados de uma prática sem o conhecimento da teoria que a informou? Por outro lado, a avaliação é essencial para o aperfeiçoamento ou mesmo a reorientação das diretrizes teóricas de uma ação. Por fim, e evidentemente, o fato de não existir de antemão um corpo teórico elaborado



a respeito de uma prática não deve estancar a ação. Será da própria prática que retiraremos as informações necessárias à sedimentação de uma teoria cada vez mais coerente com os objetivos visados e sempre submetida ao teste dos resultados da ação concreta.

#### b) PRIMEIRA DISCUSSÃO EM GRUPO

Na primeira reunião dos grupos foram discutidas as principais dúvidas e problemas relacionados com a prática dos técnicos da FUNARTE, sendo os seguintes os pontos levantados:

- reflexão sobre a FUNARTE como administradora de arte;
- necessidade de uma definição mais clara dos objetivos permanentes do órgão;
- necessidade de se melhor organizar a prática;  
importância de um acompanhamento mais detalhado dos projetos aprovados;
- a FUNARTE como criadora ou mera executora no campo artístico-cultural do país.

Viu-se também que os objetivos da instituição têm como pedra de toque a Política Nacional de Cultura, sendo assim essencial que os técnicos a conheçam em todos os seus ângulos.

#### c) A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO

Prosseguindo no encaminhamento de questões do Seminário, foi colocado o problema da conceituação de desenvolvimento. Resaltou-se, então, a necessidade de se desvincular o conceito de desenvolvimento da perspectiva de crescimento do consumo, aumento de taxas de renda per capita, quantidade de alimentos, máquinas, hospitais e escolas, grau de modernização, grau de independência, etc.,

identificando-o com o processo de aproveitamento/desgaste/reposição das potencialidades (recursos) de uma sociedade, sejam elas materiais ou humanas. A organização político-econômica da sociedade responderá pelo maior ou menor grau de preocupação social quando do estabelecimento do processo. Assim, os aspectos de consumo, e sua distribuição entre os agentes sociais, seriam uma consequência desta questão fundamental.

Em nossa sociedade o setor econômico é o de maior peso, e o modo como ele se organiza é que vai definir as características da produção material, do conhecimento e do poder. Isto deve permanecer como pressuposto quando se for pensar a prática no campo artístico-cultural.

#### d) ARTE COMO FORMA DE TRABALHO

A partir do enfoque de desenvolvimento, foi colocado que a arte deve ser vista como uma forma de trabalho articulada às demais na construção da sociedade. Ela seria, assim, uma das operações de conhecimento e de transformação do mundo natural e social. Desse modo, como forma específica da produção, ela é também um processo de aproveitamento de potencialidades, com o consequente desgaste, implicando tudo isso em reposição.

Foi visto também que a arte é um processo específico de produção que gera bens simbólicos. Essa produção artística se encontra condicionada por fatores coletivos ligados à produção social como um todo, e sua destinação portanto deve ser coletiva. O processo de produção da arte envolve o agente (o produtor), os instrumentos materiais e não-materiais (fornecidos pela experiência individual e coletiva) e a matéria-prima (as linguagens sedimentadas ao longo da história).

A arte, é, em última análise, uma das formas de consciência social, um processo em que os homens percebem seus interesses subjetivos e dão curso a eles, passando a conhecer a sua articulação com os outros homens e a natureza. Por tudo isso, a arte não é uma produção supérflua, nas necessárias ao próprio desenvolvimento social, não sendo concebível uma sociedade sem uma linguagem, sem um campo de reflexão sobre si mesma.

Em relação à produção de arte também se colocam as questões da propriedade dos instrumentos de trabalho e destinação do produto: como se dá o processo de legitimação social dos produtores? Quem consome e quais os determinados tipos de arte?

### e) DIVISÃO CONCEITUAL DAS PRÁTICAS SOCIAIS

Foi colocada, a seguir, uma proposta de divisão conceitual - porque na realidade elas se encontram misturadas - das várias práticas que compõem o universo social.

#### Economia:

- Prática de Produção de Bens Materiais
- Prática de Troca de Bens Materiais
- Prática Financeira

#### Política:

- Prática de Administração e Controle da Sociedade
- Prática de Reposição da Força de Trabalho da Sociedade

#### Idéias:

- Prática de Produção de Conhecimentos Simbólicos

Na instância econômica, vamos encontrar dois tipos de

agentes:

AGENTES REAIS - os que estão efetivamente envolvidos nas práticas:

#### autônomos:

diretos (trabalho de transformação, mais próximos da matéria-prima);



indiretos (função técnica e de controle: o que dá unidade ao processo).

AGENTES POTENCIAIS - os que não são incorporados à corrente produtiva da sociedade.

Na instância política:

AGENTES - autônomos, executores, assessores, diretores.

#### f) A FUNARTE E A PRÁTICA ARTÍSTICA

Segundo a divisão conceitual das práticas sociais proposta, a FUNARTE foi identificada como uma instituição inserida na prática de administração e controle da sociedade, ou seja, dentro da instância política.

O desempenho da FUNARTE envolve necessariamente a produção de conhecimento, e a própria Política Nacional de Cultura é clara quando coloca como condição indispensável à atuação no campo das artes o conhecimento da realidade cultural brasileira.

Atualmente, dentro da prática artística, podem ser detectadas duas tendências:

a) tendência a uma autonomia crescente dessa prática em relação a outros campos, acarretando uma maior especialização e fazendo com que surjam diferentes agentes de arte, tais como críticos, promotores, marchands, empresários artísticos, teóricos de arte e os próprios artistas;

b) tendência ao controle e à dependência.

Aqui foram propostas algumas questões para reflexão dos grupos, questões estas que devem estar presentes quando do exame concreto de cada caso da produção artística:

a) Existiria, hoje, uma tendência ao mecenato do Estado?

- 5 -
- b) Qual o grau de articulação da prática artística com os interesses fundamentais da sociedade?
  - c) Em que fase da produção artística o capital é solicitado para viabilizá-la socialmente?
  - d) Qual a posição de cada agente no processo?
  - e) De que modo a FUNARTE se coloca nesse processo?

Outro problema discutido disse respeito à estreita ligação entre uma maior eficácia em nossa prática e a conscientização sobre que interesses privilegiar. O esclarecimento dessa questão é quase sempre prejudicado pelo choque de interesses contraditórios dentro da sociedade. Na verdade, os interesses dominantes (aqueles que já se fizeram valer) utilizam-se de todos os meios para se manter, enquanto que os que ainda não se fizeram valer tentam também usar desses mesmos meios, materiais e simbólicos, para se afirmar. Assim, a importância da conscientização sobre que interesses a FUNARTE deve privilegiar cresce na medida em que se enxerga a instituição inserida na prática de administração e controle da vida artística da sociedade.

Nesse ponto os grupos discutiram, de um modo geral, algumas questões sentidas como problemáticas no âmbito interno da FUNARTE: necessidade de reuniões periódicas visando a avaliação do que tem sido financiado (como avaliar sem ter havido um planejamento correto); necessidade de um maior conhecimento sobre a cultura e a arte brasileira, ponto básico para se avaliar a importância de se apoiar tal projeto em detrimento de outro, bem como para se pensar projetos de dimensão nacional; necessidade de se saber até que ponto a FUNARTE tem apoiado a agentes indiretos (Secretarias de Cultura, Universidades, Prefeituras, Fundações, etc.) em detrimento dos agentes diretos (os artistas propriamente ditos).

#### g) O PAPEL DO TÉCNICO

A formação especializada do técnico é proporcionada pela sociedade. De posse desse conhecimento específico, o técnico irá prestar um serviço a essa mesma sociedade. Em sua função ele se en



envolve diretamente com a questão do aproveitamento e reposição das potencialidades sociais, dentro da problemática do desenvolvimento.

Por ser financiada pelo esforço conjunto da sociedade, uma instituição do Estado não deve privilegiar apenas os interesses que já se fizeram valer, mas considerar os interesses sociais como um todo. Nesta perspectiva, a atuação do técnico pode se colocar de três maneiras diferentes:

1) o projeto burocrata: o técnico quer apenas executar bem as tarefas que lhe são pedidas, fazer carreira e galgar posições, sem se questionar;

2) o projeto tecnocrata: ele se preocupa basicamente com o bom funcionamento da instituição, sem jamais questionar a que fim ela serve;

3) o projeto do técnico: ele se preocupa em servir a sociedade através da instituição, integrando-a assim ao processo geral do desenvolvimento das forças sociais.

A partir daí colocou-se que a neutralidade do planejamento não existe, porque quem se diz neutro, não questionando as finalidades a que serve, adota uma atitude conformista, uma perspectiva conservadora, distanciada da realidade social. Surgem assim duas indagações: o que fazer nas áreas de trabalho da FUNARTE, que serviços os técnicos da FUNARTE podem e devem prestar aos artistas e ao público?

Por fim, e após a discussão sobre o perigo do paternalismo em algumas atuações da FUNARTE, foram debatidas as seguintes indicações sobre o modo de atuação do técnico, sem que isso implique-se em se determinar uma receita pronta:

- o ideal seria conhecer antes de agir, mas o inverso também, é importante: agir para conhecer;

- orientar a ação a partir de que é vivido como problema, ou seja, agir na perspectiva do que se quer conhecer;

- não pretender ser a voz dos que não têm voz, isto é, os técnicos da FUNARTE pretenderam ter uma receita acabada do que o povo necessita em matéria de arte;



- como principais agentes da prática dos técnicos da FUNARTE, os artistas devem ter sempre uma palavra a dizer sobre o incentivo e o patrocínio dos eventos artísticos;

- aproveitar a experiência de vida e de organização dos artistas;

- levar sempre em consideração a realidade;

- examinar o grau de importância, para a comunidade considerada, de certas manifestações artísticas;

- levar em conta as finalidades da documentação;

- documentar para desenvolver a consciência nacional.

### 3. AVALIAÇÃO

O primeiro ponto expressivo discutido na avaliação foi quanto à expectativa provocada pelo Seminário: alguns técnicos esperavam um Seminário mais informativo do que reflexivo. Ao contrário, toda a orientação foi no sentido de conduzir os técnicos à reflexão sobre a prática concreta e à tomada de consciência da responsabilidade de todos no processo.

Em razão disso, foi sempre solicitada a participação de cada um nas discussões em grupo. A tendência dos participantes em formar grandes grupos mostrou a dificuldade, possivelmente em função da falta de hábito, que a maioria sentiu em expor conhecimentos, dúvidas e idéias num processo conjunto. Na verdade, quanto maior o grupo, maior a possibilidade de se diluir a participação individual.

Levantou-se a seguir o problema da homogeneidade de conhecimentos dos participantes, e foi constatada a existência de diferentes níveis de interesses e experiências sobre os temas abordados no Seminário. Contudo, todos os que participaram do Seminário passaram a compartilhar de uma linguagem comum, de uma mesma conscientização dos problemas que dizem respeito à atuação da FUNARTE, sem que isso queira dizer que o Seminário tenha nivelado os conhecimentos e a conscientização dos técnicos participantes. O que se percebeu é que passou a haver um pouco mais de homogeneidade, diminuindo assim as diferenças previamente existentes.

Em que pese uma certa perplexidade e incerteza quanto ao modo de iniciar e encaminhar a discussão após o Seminário, o mais importante da avaliação foi a constatação de que cada um passou a participar mais dos problemas de todas as áreas da FUNARTE, ficando em todos o interesse de prosseguir o processo iniciado no sentido de aprofundar o conhecimento da realidade artístico-cultural brasileira.

Participaram do Seminário:

Professores Ivandro Costa Sales e Rogério Luz

Afonso Henriques de Guimaraens Neto  
Alcídio Mafra de Sousa  
Antonio Rodrigues Batista  
Cláudio Diegues  
Cláudio Pinto  
Elíana Yunes Garcia  
Fernando Bueno Guimarães  
João Carlos Cavalcanti  
Lôtus Dutra de Oliveira  
Lucia Marina Moreira Penna  
Magda Maciel Montenegro  
Márcia Carneiro de Sousa Queiros  
Marcos Veras  
Maria Edméa de Arruda Falcão  
Maria Elizabeth Pereira  
Maria Teresa Walcacer  
Maurício Arcoverde  
Moacyr Pereira de Sousa Moraes  
Nadja Peregrino  
Paulo Jorge Caldas Pereira  
Roberto Augusto Meirelles Rocha  
Rosa Maria da Mata  
Roselie de Faria Lemos  
Sérgio Costa Lima  
Susana Gaspar de Oliveira Martins  
Vasny Frota Pessoa  
Vera Cristina de Andrade Bueno

Rio de Janeiro,

19 de outubro de 1977.

Relatório elaborado por:

Lucia Marina Moreira Penna  
Maria Edméa de Arruda Falcão e  
Afonso Henriques de Guimaraens Neto